

Estudo sobre o mercado chinês de açúcar

Adidância Agrícola em Pequim/China - 2021

Em junho de 2020, o Brasil passou a ser o principal fornecedor de açúcar para o mercado chinês. Segundo dados da Administração-Geral de Aduanas da China (GACC), as exportações brasileiras de açúcar totalizaram 239,4 mil toneladas (crescimento de 477% ano a ano) e responderam por 63% do total importado pelo país.

A retomada das exportações brasileiras deveu-se, sobretudo, ao término da aplicação da salvaguarda imposta em maio de 2017, nos montantes de 45% (maio/17-maio/18), 40% (maio/18 - maio/19) e 35% (maio/19 maio/20), adicionalmente à tarifa de 50% extra-quota. A não renovação da medida estava prevista na solução bilateral para o contencioso "China-Certain Measures Concerning Imports of Sugar (DS568)", concluída em abril/maio de 2019 por meio de troca de cartas entre delegações do Brasil e da China em Genebra. Assim, em 2019, as exportações brasileiras voltaram a estar sujeitas apenas à tarifa intra-quota de 15%, sendo que a quota estabelecida pela China quando da acessão à OMC é de 1,945 MT. Uma vez ultrapassada, as exportações passarão estar sujeitas à tarifa extraquota de 50% em bases NMF. Cerca de 70% da cota é alocada para empresas estatais chinesas.

No ano de 2020, o Brasil foi o maior exportador de açúcar para a China, respondendo por 70,3% das importações chinesas, seguido por Cuba, Coreia, El Salvador, Emirados Árabes

Importações chinesas de açúcar em 2020 - HS 1701 (açucares de cana ou de beterraba e sacarose quimicamente pura, sólido)

País exportador	Valor - USD thousand	Participação no mercado chinês
Brasil	1.801.965	70,3
Cuba	169.929	9,4
Coreia	88.395	4,9
El Salvador	75.303	4,2
Emirados Árabes Unidos	55.979	3,1

fonte: Trademap

A produção de açúcar em MY21/22 (outubro-setembro) deve chegar a 10,6 milhões de toneladas métricas, já que o aumento da produção de cana-de-açúcar deve compensar a menor produção de açúcar de beterraba. O açúcar de beterraba corresponde à 15% do açúcar produzido na China. Alguns produtores de beterraba açucareira estão supostamente mudando para o milho devido aos altos preços do milho e ao aumento dos custos do aluguel da terra. Com a remoção da salvaguarda adicional sobre o açúcar importado e a expectativa de que o consumo de açúcar retornará aos níveis pré-COVID, as importações de açúcar deverão subir para pelo menos 5,0 milhões de toneladas métricas em MY21/22.

A produção de cana-de-açúcar MY21/22 (outubro-setembro) está prevista em 9,5 milhões de toneladas métricas, 500.000 toneladas métricas acima da estimativa do ano anterior. Este aumento projetado assume que a área plantada em Guangxi - a maior província produtora de cana-de-açúcar do país - aumentará. Os preços do açúcar com tendência de alta também devem ajudar a impulsionar a produção. Apesar deste aumento previsto na área plantada, espera-se que a área total plantada no longo prazo permaneça relativamente estável devido à falta de oferta e aumento do custo da mão de obra, mecanização limitada e aumento da competição de safras substitutas. O custo da mão de obra tem aumentado, pois as gerações mais jovens preferem ir para centros urbanos em busca de trabalho melhor remunerado. O desenvolvimento da mecanização é limitado em virtude da grande quantidade de áreas montanhosas e pela grande quantidade de pequenos produtores. O cultivo de outras safras, especialmente cítricos e outras frutas, está se tornando cada vez mais atraente e competindo pela mesma terra que o açúcar.

A cana-de-açúcar é responsável por mais de 85% da produção total de açúcar da China. A cana-de-açúcar é cultivada nas partes sul e sudoeste do país, principalmente nas províncias de Guangxi, Yunnan, Guangdong e Hainan. Guangxi sozinha responde por quase 70 por cento da produção total de cana-de-açúcar. O rendimento médio da cana por hectare é de cerca de 65 toneladas métricas, o que se traduz em uma taxa de recuperação de açúcar de cerca de 12 por cento.

O consumo de açúcar MY21/22 foi previsto em 15,8 milhões de toneladas

métricas com base na suposição de que a demanda de açúcar continuará ao longo de sua trajetória atual e retornará aos níveis pré-COVID. Historicamente, o uso industrial de açúcar foi responsável por cerca de 60% do consumo, sendo os 40% restantes para uso doméstico. O uso industrial inclui bebidas (por exemplo, refrigerante, suco, iogurte e leite de soja), sorvete, frutas enlatadas, doces, padaria, cerveja, produtos farmacêuticos, etc.

O consumo de açúcar per capita da China é estimado entre 11-12 quilos, o que está muito aquém da média mundial de 20 quilos, porém, estima-se que continue a aumentar à medida em que a economia da China continue a crescer e os consumidores diversificarem suas dietas. De acordo com a Beijing Orient Agribusiness Consultoria, o país produz de 70% a 80% do açúcar que consome, sendo o restante importado de países do Sudeste Asiático, América do Sul e Índia .

Os estoques governamentais de açúcar MY21/22 são estimados em 4,0 milhões de toneladas. Os estoques de açúcar MY20/21 foram revisados para cima para 4,4 milhões de toneladas métricas porque o consumo não aumentou tão rapidamente quanto inicialmente esperado. Fontes da indústria preveem que os níveis de estoque continuarão com tendência de queda no longo prazo.

O governo da China restringe o desenvolvimento da indústria de sacarina a fim de proteger o mercado doméstico de açúcar. São impostos controles sobre a produção e venda no mercado interno, com avaliação documental e inspeção do local uma vez por ano. A sacarina é permitida apenas como aditivo alimentar.

Segundo relatório divulgado pelo Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais (MARA), as importações de açúcar na China devem permanecer elevadas nos próximos 10 anos, crescendo a um ritmo anual de 5,8 por cento.